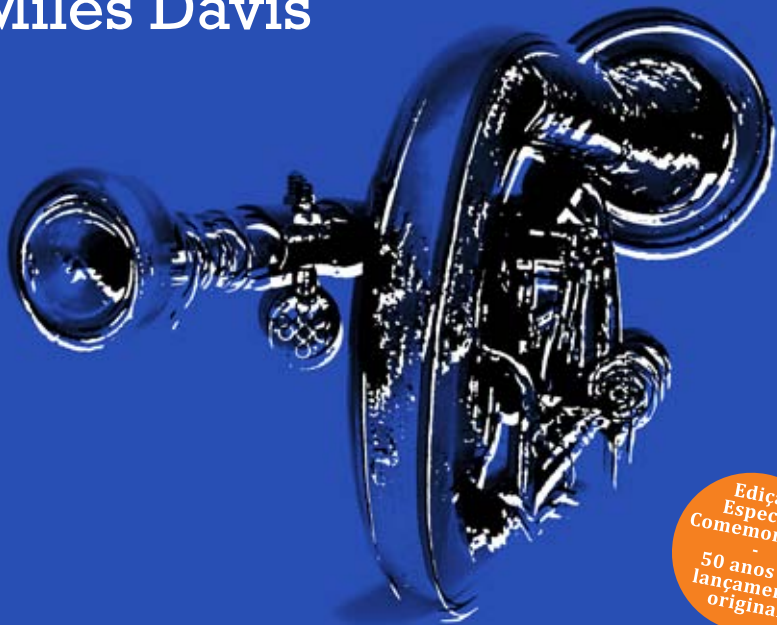


Kind of blue

Miles Davis



Edição
Especial
Comemorativa
-
50 anos do
lançamento
original

recontado por Luiz Gustavo Bayão

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Miles Davis
KIND OF BLUE
recontado por
LUIZ GUSTAVO BAYÃO

OUTUBRO DE 2008
VOLUME 81

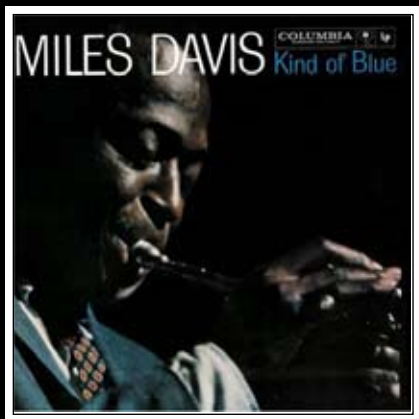
MOJO
BOOKS

MILES DAVIS

KIND OF BLUE

recontado por
LUIZ GUSTAVO BAYÃO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **ESTÚDIO MOJO**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. So what
2. Freddie Freeloader
3. Blue in green
4. All blues
5. Flamenco sketches
6. Flamenco Sketches (alternate take)

MILES DAVIS
KIND OF BLUE

LANÇAMENTO: **1959**
SELO: **COLUMBIA**



KIND OF BLUE

Dirigia como que embriagado, os sentidos anestesiados pela pressa de chegar. Sentia no ar uma agitação insólita, todos indo e vindo indiferentes ao grande fato que havia ocorrido. O malabarista encardido de pobreza pedindo dinheiro pelo vidro do carro; ele também não sabia. Os homens sem nome bebendo nos botequins tampouco. E até ontem o jovem escritor também não sabia, quem lhe contou foi a mulher:

— Fernando Sabino morreu.

Depois da noite maldormida, ele agora vestia preto, como era de se esperar em velórios. “Como me receberiam?”, ele pensava. Afinal, não era parente do escritor mineiro, nem mesmo o tinha visto a não ser por fotografias ou pela televisão. Uma vez, correndo pelos canais, flagrou Sabino em uma de suas muitas frases otimistas:

— No fim dá certo. Se não deu é porque não chegou ao fim.

Para o jovem escritor “dar certo” seria seguir os passos de Sabino, fazendo das letras o ofício de uma vida inteira. Seu ponto de partida começava ainda nos anseios da juventude, quando descobriu em O encontro marcado alguém tão obstinado quanto ele: Eduardo Marciano. Alguém que parecia estar sempre começando, mesmo que com a certeza de que era preciso

continuar. Ainda: alguém que seria interrompido antes de terminar. E, como Eduardo, o jovem escritor faria da interrupção um caminho novo; da queda, um passo de dança; do medo, uma ponte.

— Da procura, um encontro — pensou em voz alta.

Chegou finalmente ao cemitério e procurou saber onde estavam velando o corpo.

— Você entrou errado. A capela é do outro lado do cemitério — disse o funcionário. — Vai por aqui que você chega lá.

Viu-se em seguida perdido naquele labirinto mórbido de sepulturas e jazigos familiares: “Aqui jaz Marli Soares”, “Aqui jaz Tércio Sabóia”. E a caminhada até a capela era longa, esticando ainda mais aquela sensação desagradável da morte lhe espreitando, espalhada pelas sepulturas como uma vegetação rasteira. Em verdade havia mistério em tudo aquilo, inclusive em sua travessia por aquele passado moribundo. Ao longe alguns pássaros riscavam céu monocromático, muito distantes dos pensamentos do jovem escritor. E atrás de um jazigo cinza escuro pensou ter visto umas crianças brincando, descompromissadas com a seriedade do lugar.

— A capela — disse ao ver mais adiante o rebuliço formado ao redor de um prédio amarelado, no fundo do cemitério.

Logou na entrada deu com um aglomerado de carros desorganizando a pequena área de estacionamento. Pessoas corriam de um lado para o outro, enquanto as equipes de televisão se organizavam diante da portinha por

onde sairia o caixão.

— Fernando Sabino, onde...? — o jovem escritor perguntou a um funcionário.

— Na salinha — respondeu o rapaz apontando para outro aglomerado.

Abriu caminho entre as pessoas no saguão — gente feito Ziraldo, Danuza Leão e Zuenir Ventura:

— Com licença. Desculpe. Com licença.

Chegou o mais próximo que podia do amigo falecido. Não chegou a ver o corpo, tamanho era o número de pessoas compactadas na sala. Um padre, próximo a Fernando, fazia as últimas homenagens:

— Tristes ficamos nós, que perdemos nosso fraterno amigo Fernando Sabino. Mas não tenham dúvidas de que ele agora está ao lado de Jesus Cristo. E finalmente na companhia dos amigos Otto, Hélio e Paulo.

— Os quatro mineiros — sussurrou Affonso Romano de Sant'Anna para uma mulher ao seu lado.

O jovem escritor não acreditava que estavam mesmo falando de Fernando Sabino. A simples menção daquele nome em um velório parecia errada. Como podia aquilo estar acontecendo?

— Ele hoje estaria completando 81 anos — dizia o padre. — Não que parecesse, muito pelo contrário, Fernando nos deixa a impressão de que era uma criança brincando de viver. E como toda criança, merece nossos

parabéns.

E assim foi. No instante seguinte estavam todos cantando “Parabéns pra você, parabéns pra você”, como os pretos de A última crônica. Apesar da deslocada situação, o jovem escritor resistia ferozmente para segurar as lágrimas.

— Viva Fernando!

— Viva!

Finda a cerimônia, a saleta foi pouco a pouco ficando vazia, permanecendo ali apenas familiares e os amigos mais íntimos. Foi quando o jovem escritor decidiu se aproximar do caixão:

— Com licença. Desculpe. Com licença.

E ali estava ele, Fernando Sabino. Um frio correu sua espinha ao vê-lo tão diferente das fotografias. Estava muito magro, os dedos entrelaçados sobre o corpo coberto de flores. Com os olhos cheios d’água, aproximou-se:

— Fernando... — e sentiu a voz sufocada num soluço.

O escritor mineiro, por outro lado, tinha uma fisionomia tranqüila, quase como se estivesse dormindo. Como queria acordá-lo! Sacudi-lo, tirá-lo dali, levá-lo para tomar um chope, tornar-se seu amigo... — Ah, se isso fosse uma crônica sua, Fernando.

Foi quando Ferreira Gullar aproximou-se do caixão:

— Não parece com ele — disse ao se afastar, emocionado.

Depois o jovem escritor saiu da capela juntando-se à multidão que

esperava pelo caixão do lado de fora. As equipes de televisão noticiavam a espera:

— O corpo do escritor Fernando Sabino deve sair a qualquer momento aqui da capela do cemitério São João Batista, na zona sul do Rio de Janeiro. Estão presentes muitos amigos, parentes e escritores como Ferreira Gullar, Affonso Romano Sant’Anna, Zuenir Ventura, Moacyr Werneck, Wilson Figueiredo, Nélida da Piñon e Marina Colasanti. O presidente Lula, em nota oficial, diz que recebeu a notícia do falecimento de Fernando Sabino com pesar. O presidente transmitiu seus sentimentos a parentes e amigos, e disse que Sabino vai continuar vivo nos livros e na memória do povo brasileiro.

O repórter mal havia terminado a frase quando um sujeito afobado passou em frente à câmera, arruinando seu take. Gritava:

— Abre espaço! Vai sair!

Várias pessoas se precipitaram em direção à porta da capela atrás do que gritara, numa curiosidade aflitiva que acabou por dominar até o jovem escritor:

— Vai sair!

O caixão fechado vinha carregado por funcionários, enquanto os últimos familiares saíam da capela inconsoláveis. Pousaram o caixão em um carrinho de metal e cada filho tomou uma alça. Ainda que com a vista embaçada pelas lágrimas, o jovem escritor observava a cena de perto e, estupefato, pode ver dentre os filhos de Sabino figuras tão lúdicas quanto o próprio

escritor: seus personagens literários. O mentecapto Geraldo Viramundo, por exemplo, surgia todo quixotesco para acompanhar seu conterrâneo, quase tropeçando em Verônica Sabino:

— Formosa senhorita, mil perdões!

Viu também Eduardo Marciano — com quem Sabino havia rompido há tempos — reaparecendo naquele momento para prestar suas últimas homenagens. E até Pastoff, seu enorme pastor alemão dos tempos em que era escoteiro, surgia de súbito, seguindo a multidão.

Ainda assim a caminhada até a sepultura fez-se longa. O caixão cruzava aquele oceano de lápides e jazigos como que flutuando alheio às outras perdas, aos outros sepultados. A história estava mergulhada no que pareciam ser os movimentos simulados de um sonho. Cada passo remetia ao lúdico, ao irreal e todos em silêncio pareciam concordar. “É a vida”, ouviu um barbudo dizendo ao seu lado. “Já estava velhinho”, uma mulher sussurrou ao marido. Um ótimo contador de casos, disse não restava dúvida:

— O melhor que já conheci — diria Ziraldo aos jornalistas mais tarde.

De repente pararam, aglomerando-se diante de uma pequena sepultura.

— É aqui – alguém disse.

Os funcionários do cemitério posicionaram o caixão diante da boca escancarada da sepultura.

— O que é isso?

Como nas histórias escritas por ele, o inacreditável se fazia real: músicos surgiam das sombras para entoar canções de jazz no momento mais solene.

— Amigos do Fernando — confienciava alguém da família. — Tocavam com ele em uma banda de *dixieland*.

E, ao som melancólico da canção, Fernando ia desaparecendo em silêncio, como bom mineiro que era. Ser mineiro é não falar sobre o assunto, ele disse certa vez.

— Adeus, Fernando.

Choravam todos, emocionados com aquele último adeus, porém indiferentes ao que acontecia não muito longe dali: aquelas mesmas crianças ainda brincavam por entre os túmulos do cemitério. Uma delas em especial, um menino carregando uma mochila e um cantil, observava tudo atentamente.

— Vem Fernando! — Ihe chamaram.

Estava atento às notas musicais que ecoavam pelo cemitério e às pessoas que se abraçavam e choravam a perda de alguém tão querido. Ele não entendia, mas ainda assim deixava-se ficar numa curiosidade inocente.

— Vem, Fernando! — chamaram novamente.

E ele foi. Em seu epitáfio a confirmação daquilo que todos nós sabíamos de cor: “Aqui jaz Fernando Sabino. Nasceu homem, morreu menino”.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br